

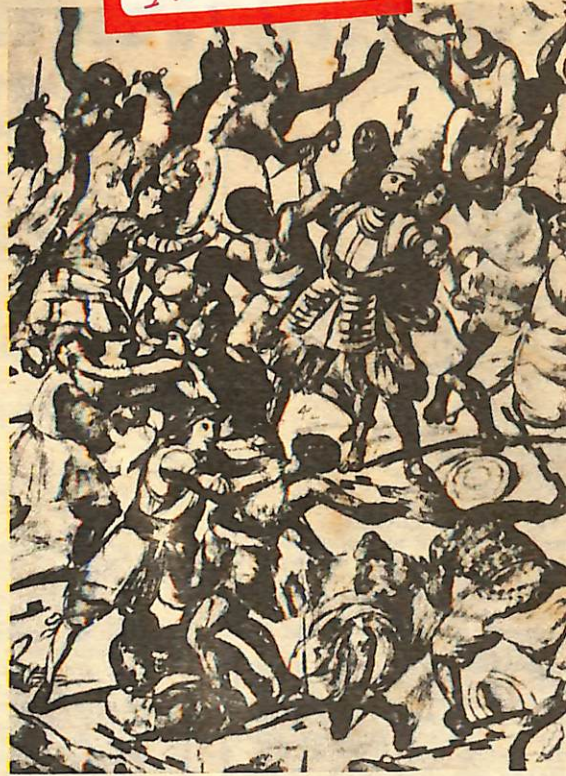
# AFOGANDO EM SANGUE OS ASTECAS, CORTEZ CONQUISTA O MÉXICO

OS TRÊS ANOS DE CAMPANHA DO CONQUISTADOR, EM SENSACIONAIS DESPACHOS DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL, O SOLDADO BERNAL DIAZ

Tenochtitlan, México, 13, agosto, 1521  
(De Bernal Diaz)

Milhares de cadáveres amontoados pelas ruas desta cidade lacustre, capital do México, a 2.500 metros de altitude, servem de tapete às tropas do conquistador Hernán Cortez, que nela entra depois de um cerco de 4 meses. Guatemoc, Imperador dos Astecas, foi aprisionado por Garcia Holguin e Sandoval.

Assistimos emocionados ao encontro dos dois chefes. Cortez abraçou Guatemoc. O asteca,



de cabeça erguida e com grossas lágrimas a escorrer pela face, disse com voz firme: — «Cumprir o meu dever. Não me rendi. Fui aprisionado.» E, estendendo a mão para o punhal de Cortez, gritou-lhe: — «Mata-me!»

O México está vencido. Cortez dominou-o a ferro e fogo, depois de 3 anos de batalhas épicas. O conquistador tem 35 anos. Com suas próprias mãos, nós o vimos matar mais mexicanos que dez vezes a sua idade.

(Leia outros despachos na página 6)

# PIRATARIA NO BRASIL

Lisboa, 9, maio, 1519 — (Urgente)

Piratas franceses estão agindo nas costas do Brasil, contrabandeando madeiras, macacos e papagaios. A atividade desses corsários foi denunciada por Cristóvão Jacques, que regressou com sua esquadra esta semana, depois de permanecer naquelas costas desde 1516, em missão de patrulhamento.

Apesar do silêncio oficial e da recusa do capitão Cristóvão em fazer declarações à imprensa, podemos informar, com absoluta exclusividade, que foram travados combates com piratas franceses na Guiné e na baía de Todos os Santos.

Os corsários seriam comandados por Jean Angot, que opera no Atlântico desde o ano passado.

A Coroa Portuguesa estaria disposta a agir enérgicamente para garantir seus direitos sobre o Brasil. Confirmando esta disposição, podemos informar, em furo de reportagem, que saiu de Lisboa uma frota de repressão, provavelmente comandada por Pero Capico.

## o Brasil em Jornal

1516/25  
N.º 2

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

PREÇO:  
COMUM: Cr\$ 10,00  
AÉREO: Cr\$ 12,00

Diretor:  
AMARAL NETTO

Assessores:  
GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO

Redator-chefe:  
CLAUDIO SOARES

### DESAPARECE UM GÊNIO:

## Leonardo

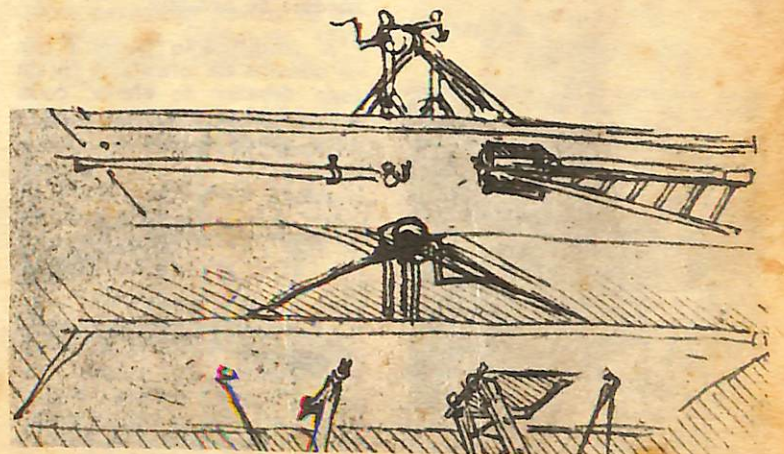
## da Vinci

Paris, 2, maio, 1519 (Do correspondente)

— «Tão cedo o mundo não conhecerá um gênio!», declarou à reportagem um dos mais destacados nobres da corte de França, logo que se anunciou a morte do incomensurável Leonardo da Vinci, ocorrida hoje no Castelo de Cloux, onde residia há três anos a convite de Francisco I.

O magnífico gênio que foi, nos seus 67 anos, pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, músico, filósofo, inventor de imaginação feritíssima e — por que não dizer? — também um pouco mágico, deixou em quase toda a Europa o rastro fulgurante da sua passagem.

(Conclui na pág. 2)



Este é o croquis de da Vinci para a «máquina de voar»

### Desastre em Pávia:

## FRANCISCO I APRISIONADO POR CARLOS V!

Completa reportagem sobre a dramática derrota dos exércitos franceses comandados por seu próprio rei

(Leia na pág. 7)

## LUTERO:

### EPOPEIA MARÍTIMA

## EXCOMUNGADO

## Completada

## E

## a primeira

## EXPULSO!



Worman, 26, maio, 1521

Queimando publicamente a bula de excomunhão lavrada por Leão X, o dr. Martinho Lutero deu caráter sensacional à luta contra a Igreja de Roma. O professor de Teologia da Universidade de Wittemberg iniciou a revolta afixando à porta do templo de Toussaint, a 31 de outubro de 1517, suas 95 teses condenando, entre outras coisas, o que chama de «tráfico e comércio de indulgências».

A Dieta (Congresso de Príncipes) de Worms, convocada para expulsar Lutero do Império, nada resolveu porque a maior parte de seus membros é simpática ao acusado. Só depois que a maioria se retirou é que o Imperador Carlos V conseguiu aprovar um decreto banindo Lutero.

(Conclui na pág. 2)

Sevilha, 9, setembro, 1522 (De António Pigafetta, correspondente especial da esquadra de Fernando de Magalhães)

Descalços, de camisolões e trazendo cirios acesos, entraram hoje na Igreja de N. S. da Vitória, os 18 sobreviventes — nós entre eles — da esquadra de Fernando de Magalhães que, com 5 navios e 237 homens, partiu de San Lucar a 20 de setembro de 1519.

Fundamos ontem à noite ao largo de Sevilha, no único barco que regressou: o «Vitória». As outras naus eram: «Trinidad», capitânia de Fernando de Magalhães; «Concepción»; «San Antonio»; «Santiago».

Percorremos 60 mil milhas, completando em três anos a primeira volta ao mundo.

(Conclui na pág. 2)



## MORREU

## CABRAL

Lisboa, 1519/20

Com pouco mais de 50 anos, morreu em Belmonte, Pedro Álvares Cabral. Tão esquecido estava ele, que foi impossível apurar a data exata do falecimento. Deixou 6 filhos e a viúva, d. Isabel de Castro. Descendia de Fernão de Cabral, apelidado, pela sua estatura, «Gigante da Belra», e de d. Isabel de Gouvêa, sendo natural da mesma cidade em que morreu. Pedro Álvares se assinava «de Gouvêa» até as vésperas da saída da frota que em 1500 descobriu o Brasil. Contava então pouco mais de 30 anos. Daí para cá passou a assinar Pedro Álvares Cabral. Teve 10 irmãos.

Dêle pouco se sabe. Em 1484 era fidalgo da Corte onde obteve o hábito da Ordem de Cristo e uma pensão pecuniária.

Sem credenciais que lhe valessem o importante comando de 1500, até hoje murmuram que sua nomeação se deveu a Vasco da Gama, seu grande amigo, que vinha de descobrir o caminho das Índias. Outros, ainda, atribuem o fato às influências de dois dos seus irmãos, João Fernandes e Luis Álvares, então membros do Conselho de d. Manuel.

Desde a volta do Brasil e das Índias em 1501, não mais se fez ao mar. Sabe-se que deve ter feito grave ofensa ao rei, pois Afonso de Albuquerque, em 2 de dezembro 1514, pedira perdão para ele a Sua Majestade. Se foi ou não atendido, ignora-se. O certo é que Cabral passou o resto de sua vida no ostracismo, em Belmonte.

Desde muito moço sofria de seguras crises de impudalismo.

Noticiando sua morte, O BRASIL EM JORNAL se associa ao luto da família, luto que deveria ser de toda a nação portuguesa.



## DESAPARECE

## UM GÊNIO:

# Leonardo da Vinci

(Conclusão da pág. 1)

O castelo de Cloux é pequeno para conter as centenas de pessoas que a ele acorrem logo que se tornam sabedoras da morte de da Vinci. Afirma-se que à sua cabeceira, assistindo-lhe os últimos momentos, esteve o próprio rei e protetor, Francisco I.



Da Vinci visto por ele mesmo

### A CARREIRA DE LEONARDO

O grande da Vinci nasceu na Toscana. Seu pai, quando ele ainda era muito criança, mostrou alguns dos seus desenhos ao artista Verocchio que os achou prodigiosos e levou o menino para a sua Academia, onde permaneceu 14 anos. Mais tarde, em Florença, pintou vários quadros para os poderosos Médicis e para várias igrejas. Entre eles figura o célebre, «Adoração dos Magos».

Um projeto audacioso lhe foi entregue em 1483 em Milão, por Ludovico, «O Mouro». Tratava-se da execução de uma estátua equestre de Francisco Sforza, pai de Ludovico, estátua que deveria ser de bronze e de 8 metros de altura! Da Vinci acabou não concretizando a obra, mas, em compensação, publicou um tratado sobre a anatomia dos cavalos... e um outro sobre os métodos de fusão do bronze.

Sua obra-prima, «A Cella», foi pintada para o Convento de Santa Maria das Graças. Foi arquiteto e engenheiro hidráulico, tendo executado um sistema de canalização para aproveitamento dos rios da Lombardia.

Deixando Milão, da Vinci esteve depois em Veneza, Florença e Roma, onde César Borgia, filho do Papa, nomeou-o mestre-de-obras das fortalezas da cidade. Pintou então outra grande tela, a «Mona Lisa» ou «Gioconda». Depois do casamento de seu novo protetor, Júlio de Médicis, irmão do papa Leão X, é que aceitou o convite de Francisco I para viver na França.

### INVENTOS

#### A GRANEL

A multiplicidade da inteligência e do gênio do homem cuja morte enluta o mundo inteiro, foi verdadeiramente admirável. Curioso do organismo humano, dissecava cadáveres para estudá-los. Sobre anatomia executou desenhos incomparáveis de grande sucesso. Destacam-se entre as dezenas de invenções e projetos de da Vinci, uma roupa estanca destinada a permitir que se mergulhe na água sem se molhar o corpo, assim como uma incrível máquina de voar!

Este é um rápido retrato, ainda muito longe da realidade maravilhosa do que foi esse homem, esse miraculoso gênio que deixou a vida, cercado da admiração, do respeito e da tristeza de todos.

# Épopéia marítima

(conclusão da pag. 1)



VITÓRIA  
1.º barco a dar volta à Terra

Tempestades, lutas, traições, naufrágios, motins, escorbuto, fome, sede, frio, calor, moléstias desconhecidas e uma série de sofrimentos incalculáveis, dizimaram a esquadra.

O capitão Magalhães tombou em desigual combate em Mactan, nas Filipinas. Eramos 49 contra 1500. Queimamos a aldeia e matamos muitos nativos. Em vão. Eles aumentavam sempre. O capitão Magalhães, ferido nas pernas, mandou que recuassemos. A maioria fugiu para os batéis. Resistimos apenas 7 ou 8, até que ele tombou.

Enquanto recuávamos, vimos o capitão cercado por dezenas de nativos. Atravessando com a lança um último guerreiro, calu, tentando movimentar o braço que sustinha a espada. Agonizante, ainda combatia para permitir que fugíssemos.

O grande comandante deixou de existir, no dia 27 de abril de 1521.

### OUTROS FATOS

#### IMPORTANTES

Em San Julian, na Patagônia, em julho de 20, os outros capitães, inimigos de Magalhães por ser ele português e comandar a frota espanhola, prepararam um motim. Descobertos, Juan de Cartagena foi espartilhado; Gaspar de Quesada deixado em terra com um sacerdote também traidor, e outro, perdoado.

Ainda nesse mês naufragou a nau «Santiago».

Em outubro, quando descobrimos a passagem dos estreitos do sul das Terras Novas, o piloto Esteban Gomez, que odiava o comandante, desertou com a nau «San Antonio».

Em 28 de novembro começamos a navegar num mar tão calmo que lhe demos o nome de Pacífico. Nêle singramos 110 dias, em meio a tais sofrimentos, que, temos a certeza, ninguém mais compreenderá viagem como esta.

Comemos ratos; couro cozido e serragem. Morreram de escorbuto 19 homens, inclusive um brasileiro e um gigante aprisionado na Patagônia. Nas Filipinas, depois da tração que tirou a vida a Magalhães, uma outra trouxe a morte a muitos dos nossos.

Fugimos e, mais tarde, queimamos a nau «Concepción» inutilizada para navegar. Em fins de julho de 21, o filho (brasileiro) de Juan Carvajal foi aprisionado por um dos inúmeros reis das ilhas Filipinas.

Travamos muitos combates, antes de, loucos de alegria, chegarmos às Molucas. No dia 19 de dezembro abandonamos (imprestável) a nau «Trinidad» e a 20 zarpamos para a Espanha.

Restava apenas a «Vitória» na qual éramos 47 europeus e 13 índios. Em Cabo Verde soubemos que déramos a volta ao mundo, porque ganhamos um dia na contagem do tempo. Ali, alguns fugiram e vários foram presos. Muitos morreram doentes ou foram executados.

Sob o comando de Juan Sebastian del Cano, retornamos à Espanha apenas 18 dos 237 que haviam partido. Em terras e mares desconhecidos, ficaram 4 naus e 219 homens.

### Quem é nosso

#### correspondente

Francisco Antônio Pigafetta, nosso enviado na esquadra do infeliz Fernando de Magalhães, nasceu na Itália em 1491, e é filho de nobre família da Toscana. Veio para a Espanha em 1519 na comitiva do embaixador de Roma, monsenhor Chiericato. Logo que soube da expedição que Magalhães preparava, conseguiu licença de Carlos V e do embaixador para nela tomar parte. O capitão-geral engajou-o na esquadra, em seu navio capitânia.

Mal sabia ele que seria um dos 18 que dariam, pela primeira vez, a volta à Terra, conquistando essa glória com tantos e tão grandes sacrifícios.

### Magalhães

#### no Brasil

A esquadra de Fernando de Magalhães esteve no Brasil, de 13 a 27 de dezembro de 1519. Constatando a carta anônima que publicamos em nosso número anterior, Pigafetta nos disse que os brasileiros «chegam ordinariamente a viver 125 e algumas vezes 140 anos». afirmou que comem gente só como vingança de guerra.

Todos foram respeitados pelos índios porque havia uma grande seca e quando a esquadra chegou começou a chover. Em troca de qualquer coisa ofereciam suas filhas como escravas. No entanto, para as mulheres casadas, não se pode nem olhar. Elas são de um pudor total.

São as mulheres que exercem os trabalhos mais penosos.

Os negócios feitos pelos tripulantes foram da seguinte ordem: uma carta de baralho por meia dúzia de galinhas; um cinto por um cesto de batatas; um pente por 2 gansos; um anzol por 6 galinhas; 1 espelho por peixes para 10 pessoas.

Com ligeiras retificações, os informes sobre o Brasil coincidem com os do nosso correspondente especial que acompanhou a esquadra do seu descobridor, Pedro Álvares Cabral.

Dois brasileiros seguiram na esquadra dos quais o mais moço era filho de Juan Carvajal.

Um morreu e outro foi aprisionado durante a tormentosa viagem.

### PIRATA

#### FRANCÊS

Honfleur, França, 1522

O corsário Jean Fleury, um dos mais famosos e perigosos piratas deste princípio de século, num golpe de bravura e audácia, verdadeiramente impressionantes, aprisionou e trouxe para este porto 3 embarcações espanholas carregadas de ouro e prata.



### O Capitão que

#### não regressou

Fernando de Magalhães nasceu no Porto, em 1470. Navegador e geógrafo, tomou parte no ataque a Goa; na expedição a Malaca e no descobrimento das Molucas.

Tendo Portugal se negado a dar-lhe um pequeno aumento de soldo, ofereceu seus serviços à Espanha em 1518, renunciando à nacionalidade portuguesa. Assinou um contrato com Carlos V e recebeu o comando da esquadra para tentar alcançar as Molucas por caminho inverso ao do Cabo da Boa Esperança, costeando as Novas Terras.

O rei de Portugal tentou fazer retornar Magalhães, oferecendo-lhe uma bela soma. Mas ele se negou, dizendo que já assinara um contrato e tinha de cumpri-lo.

Pigafetta afirma que Magalhães era um bravo até à loucura; inteligente; sábio e excelente comandante, sempre solidário com os homens da tripulação nas suas agruras e sofrimentos.

## LUTERO:

## EXCOMUNGADO

(Conclusão da pág. 1)

Ao mesmo tempo foi decretada a censura à imprensa, com o principal objetivo de impedir que as teses «heréticas» continuem a ser divulgadas, e evitar que se torne público o natural protesto do grande escritor e filósofo Erasmo de Rotterdam, amigo do banido.

### ÚLTIMA HORA

Castelo de Wartburg, Alemanha — (Urgente)

Num sensacional furo, anunciamos que chegou a este castelo o dr. Martinho Lutero, em fuga diante dos soldados de Carlos V. Ele para aqui veio sob a proteção de Frederico «o Sábio», eleitor da Saxônia e antigo candidato derrotado ao trono do Santo Império Romano-Germânico, agora ocupado por Carlos V.

Lutero fez a este correspondente a seguinte e exclusiva declaração: — «Minha luta apenas começa. Repito que o Evangelho deve ser a única lei e que a salvação se obtém pela fé e não pelas indulgências compradas a peso de ouro.»

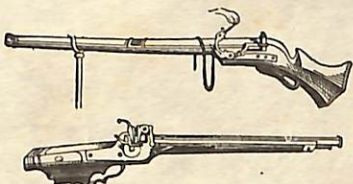
O professor está recolhido, iniciando a tradução da Bíblia para o alemão.

Já se pode  
atirar  
debaixo  
de chuva

Nuremberg, Alemanha, 1524

Já é possível atirar debaixo de chuva nos campos de batalha. Esta sensacional e revolucionária novidade que modificará, certamente, as técnicas de guerra, deve-se à descoberta de um relojoeiro desta cidade que fabricou um novo modelo de arcabuz.

A modificação permite que os homens da infantaria façam fogo debaixo de chuva, coisa impossível até agora, pois a água apaga a mecha.



Os dois arcabuzes. Em baixo o modelo revolucionário.



Este arcabuzeiro já pode atirar com chuva!

O modelo revolucionário está provido de fechos contendo um mecanismo não exposto à chuva. A peça, seu inventor deu o nome de «cão», porque ela prende nos dentes uma pirite que produz a faísca que incendeia a pólvora. Tudo é movido por mola, à qual se dá corda com uma chave.

Dada a corda com a arma carregada, basta acionar o gatilho para o tiro partir. Como esse processo se verifica no interior da câmara dos fechos, a água não prejudica o desenvolvimento.

O novo arcabuz foi logo batizado como «de roda» ou simplesmente «rodete».

Reinos e países estão profundamente interessados nessa moderníssima arma. A sua produção em alta escala irá, sem dúvida, modificar totalmente as técnicas de guerra.



# EXECUTADO BALBOA

«LEONCICO»

O CÃO  
GUERREIRO

Darien, Panamá, 1519

Um cão de fila, vermelho, de focinho preto e cheio de cicatrizes, vaga abandonado e triste pelas ruas de Darien. Quando o chamam pelo nome — «Leoncico» — as orelhas se põem de pé. Todos, aqui, conhecem a história de «Leoncico», o fiel amigo e companheiro de lutas de Balboa.

Feroz na luta contra os índios, matou mais inimigos e fez mais prisioneiros que seu próprio amo ou qualquer dos soldados espanhóis. Por isso, sempre se destacou em meio à grande matilha de cães utilizados pelos conquistadores na caça aos indígenas.

De faro sem igual, dificilmente um índio lhe escapava. Prêso pelo pulso, entre os afiados dentes de «Leoncico», se tentava fugir era esfaqueado.

Dizem dele os soldados espanhóis que serviram sob o comando de Balboa: — «Leoncico» era tão temido pelos índios que, se dez espanhóis lutavam ao seu lado, se sentiam mais garantidos que vinte sem ele.»

Sua bravura e ferocidade e os serviços prestados aos conquistadores, fizeram com que estes lhe dessem parte dos botins do ouro, e escravos. Recebia às vezes mais que muitos soldados. Seu «tesoureiro» e «administrador de bens» era o próprio Balboa.

«Leoncico» é filho de um outro famoso cão de guerra, «Becerrico».

## CONSTERNAÇÃO POPULAR NO PANAMA

Darien, Panamá, janeiro, 1519  
(Do correspondente)

Um golpe seco decepcionou a cabeça do capitão espanhol Vasco Nuñez de Balboa, diante de considerável massa popular, cuja revolta era contida por poderosos corpos de guarda, armados até os dentes.

Balboa, descobridor do Mar do Sul e um dos maiores capitães desta época, foi processado por seu sogro, Pedrarias Davila, governador da cidade, que o acusou do crime de traição, última das intrigas tramadas contra o conquistador.

A derradeira noite de Vasco Nuñez foi passada em cela estreita e segura. Tinha os pés e as mãos presos por pesados grilhões. Ninguém pôde visitá-lo, inclusive sua amante Anayanse, filha do cacique Careta, um dos seus maiores aliados nas guerras de domínio desta colônia.

Foi outro capitão espanhol, Pizarro, quem conduziu Balboa ao cadafalso, ao qual subiu sem qualquer auxílio. Este correspondente, perdido nas primeiras filas dos que, à frente dos arcabuzes e alabardas cruzadas, assistiam revoltados à execução, ouviu o arauto apregoar com voz forte: — «Esta é a justiça que manda fazer o rei, nosso senhor, e Pedrarias, seu lugar-tenente, em seu nome, a este homem, por traidor e usurpador de terras sujeitas à Coroa Real.»

Em meio ao silêncio compungido e triste da multidão, a voz de Balboa ressoou como um trovão que fez tremer os próprios soldados que guardavam o cadafalso: — «É mentira e falsidade que se me levanta, e nunca me passou pela mente tal coisa, nem pensei que de mim tal se pudesse imaginar. Sempre foi meu desejo servir ao Rei como fiel vassalo e aumentar seus senhorios com todo o meu poder e força.»

Sua cabeça foi logo colocada sobre o cepo e Balboa deixou de existir quando o machado do verdugo lhe separou a cabeça do tronco. Em meio aos soluços de homens e mulheres, um cão de fila, gania e ulvava o seu desespero.

Era «Leoncico», o fiel e inseparável companheiro de Balboa.

## TEATRO

### “O JUIZ DA BEIRA”

Évora, 1525

O conhecido homem de teatro de Portugal, Gil Vicente, faz representar, agora, sua farsa «O Juiz da Beira».

A peça ora em cartaz é continuação de outra já levada ao palco no Natal de 1523, quando, acusado de plagiário, o autor e ator solicitou ao rei D. João III que lhe desse um tema para compor coisa totalmente nova, em desagravo das acusações.

Naquela ocasião, o tema que lhe foi indicado era «Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube». Gil Vicente escreveu sobre isso a farsa «Inês Pereira», que alcançou grande êxito.

Na peça que agora se apresenta, Gil Vicente põe em cena um juiz imbecil, que não percebe os fatos e direitos que se alegam em audiências.

Muitos vêem nos ditos dos personagens uma crítica à enxurrada de processos em virtude da reforma de forais, feita por D. Manuel.

\* Cotação de O BRASIL EM JORNAL — Muito boa.

# Deposto e em fuga o tirano da Escandinávia



GUSTAVO

VASA

É o novo  
rei da  
Suécia

Frederico de Holstein, é feito rei da Dinamarca e da Noruega, depois da total derrota do ambicioso e cruel Cristiano II, cunhado de Carlos V.

Cristiano, em 1518, havia conquistado a Suécia, depois de assassinar Stenon Sture. Empregou em larga escala a crueldade, tendo massacrado em novembro de 1520, aqui em Estocolmo, cerca de 600 nobres suecos e suas famílias, massacre que já no dia seguinte, pela sua extrema violência, era chamado «Banho de Sangue».

Estocolmo, Suécia, 6, junho, 1523  
(Do correspondente)

Gustavo Vasa foi eleito pela Dieta de Strengnaes, rei da Suécia. Conquistada, assim, a coroa de sua pátria ao mesmo tempo em que seu aliado,

Na cobertura que fizemos do domínio de Cristiano, pudemos verificar que êle sempre procurou conquistar a simpatia dos camponeses, embora cada vez mais ligado aos grupos burgueses e capitalistas. Agiu da mesma forma na Dinamarca e na Noruega, submetidas à sua tirania.

Gustavo Erikson, o Vasa, comandou a revolta contra o opressor. Desde 1520 veio lutando através de campos e montanhas até que, há poucos dias, esmagou o último foco de resistência de Cristiano, o da cidade de Calmar.

Falando à imprensa logo após a eleição, Sua Majestade declarou: — «Libertei minha pátria. Agora vou envidar todos os esforços para varrer do Báltico os piratas que o infestam e, ao mesmo tempo, emprender a campanha de reconquista da Finlândia.»

Cristiano II fugiu para os Países-Baixos. Afirma-se aqui que, durante o seu governo despótico, era uma mulher de baixa condição social (mãe de sua amante) sua principal assessora política.

## O MUNDO CHORA COM A "FORNARINA":



Morreu (gripado)

Rafael Sanzio

Roma, 1520



riqueza, levava uma vida desregrada. Junto ao leito de morte se

Vítima de um resfriado e com apenas 38 anos, morreu nesta cidade o grande pintor Rafael Sanzio. Rafael estava visivelmente esgotado com o excesso de trabalho. Cercado de luxo e

encontravam grandes personalidades dos salões romanos e da corte papal, discípulos e admiradores. Sem falar, é claro, na bela «Fornarina», sua amante, por êle immortalizada num quadro de rara beleza.

Rafael nasceu em Urbino, em 6 de outubro de 1483, tendo sido discípulo de Pérugin, sob cuja inspiração executou suas primeiras obras de arte, como o «Casamento da Virgem» executada em 1504, na cidade de Milão. A emancipação intelectual de Rafael foi atingida nos quatro anos

seguintes, na cidade de Florença, quando criou o seu tipo de Madona em oval puro, impessoal e ideal, com a «Madona do Grão Duque», feita em 1505. Chamado pelo arquiteto Bramante, Rafael veio para Roma em 1508, pintando para o papa Júlio II, até 1511, uma série de obras, entre as quais se destacam «Escola de Atenas» e «O Parnaso».

Tanto na corte desse Papa, como na atual de Leão X, Rafael desfrutou de situação excepcional: amigo de dois Papas, arquiteto-chefe da Basílica de S. Pedro, superintendente dos edifícios, amigo de Bembo, de Agostinho Chigi, de Baltazar Castiglione e do cardeal Biblena, Rafael levou em Roma uma vida principesca de homem rico e elegante. Nunca, no entanto, mesmo muito se entregando aos prazeres, deixou de trabalhar exaustivamente.



«O Casamento da Virgem»  
Uma das obras-primas de Rafael.

## MÚSICA

«PRÍNCIPE DOS

MÚSICOS»

Condé-sur-l'Escant, França, 1521

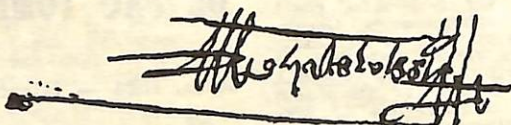
Morreu Josquin Des Prés, o «Príncipe dos Músicos», autor de grande e brilhante bagagem musical, que introduziu em suas missas as alusões maliciosas e pouco litúrgicas.

Sua obra se compõe de 50 motes, 32 missas e 75 canções, salmos e outras peças de menor importância.

Sua vida é misteriosa quanto sua obra é bela. Muitos países disputam a honra de o ter visto nascer. Diz-se que foi aluno de Ockeghem, menino do coro de São Quintino e que pertenceu à Capela Pontifícia. Estêve a serviço do duque de Milão, do cardeal Sforza, do duque de Ferrara e do rei Luís XII.

Qual tenha sido sua pátria, já não nos importa. Des Prés, morto, passa a ser patrimônio de todo o mundo.

## Devorado o pilôto Solis



Dos nossos arquivos: — Fac-símile da assinatura de Solis

Lisboa, 1516

João Dias de Solis, vulgo «Bofes de Bagaço», foi trucidado e devorado, juntamente com oito tripulantes de sua nau, pelos indígenas das margens do rio da Prata.

Depois da morte de um companheiro, quando desceu para enterrá-lo, Solis foi vítima de uma emboscada dos nativos. Viajava a serviço de Carlos V da Espanha e partiu de Lepe em 8 de outubro de 1515, com a missão de demarcar as terras espanholas e conseguir comunicação com o novo oceano descoberto por Balboa.

Solis é o mesmo que, de acordo com o que publicamos no número anterior, matou a mulher na véspera da saída da esquadra de Afonso de Albuquerque (1506) para as Índias.

## PORTUGUESES NA CHINA

Pekin, 1520

Chegou a esta cidade Tomé Pires, navegador português que já estêve na China em 1517, como enviado especial do Rei de Portugal.

Naquela ocasião, a 15 de agosto, precisamente, uma esquadra lusa, sob o comando de Fernão Peres de Andrade, aportou a Cantão, onde manteve contatos cordiais com as autoridades.

O interesse português pela China foi aguçado com a entrada no porto de alguns juncos vindos do Japão e de outros portos do Extremo Oriente, carregados de ouro e de várias mercadorias de grande valor.



**EDITORIAL:**

# A espada de Cristo e a cimitarra de Maomé

Portuguêses e espanhóis levam cada vez mais longe a quilha de suas naus e a lâmina de suas espadas. A Europa não se refez ainda da surpresa dos descobrimentos, o povo mal se acostumou à grandeza aniquiladora do mundo em que vivemos e já outros mundos lhe são revelados.

No entanto, a Europa de hoje é um campo de batalha. A pregação de Lutero abala o prestígio do Papa e faz propagar o cisma rapidamente. O choque das ambições de Carlos V e Francisco I, tão jovens ainda, contribuiu decisivamente para a confusão reinante.

O aprisionamento do rei de França é um problema muito sério e incontestavelmente grave para o seu país. Enquanto ele é humilhado dentro das quatro paredes de um palácio madrilenho, Henrique VIII da Inglaterra, divertido e folgazão, está mais preocupado com as suas caçadas, seus amôres e seus torneios, do que com a própria sorte da luta européia e as repercussões que ela forçosamente terá nos domínios ingleses.

Espanha e Portugal, apesar dos laços de família que unem as duas casas reais, poderão chegar a uma ação armada por causa da disputa gerada na conquista de novas terras. Para Portugal as Índias se tornaram um problema depois da morte de Albuquerque e de Vasco da Gama. O Oriente já preocupa a Coroa, e o Brasil, essa nova terra onde os piratas começam a agir e da qual tão escassas e precárias têm sido as notícias neste primeiro quarto de século, merece pouca atenção, muito menos — mas muito, mesmo — que aquela dispensada pela Espanha às suas conquistas.

Tudo se acende na Europa. Até mesmo os frios povos nórdicos com a revolta sangrenta contra Cristiano II, substituída na Dinamarca, na Suécia e na Noruega por Vasa e Holstein.

Por outro lado existem, ainda, pequenos descontentamentos. A Holanda não está satisfeita com Carlos V. A Itália, completamente dividida, completa o quadro do incêndio que tem a coroa-lo a invasão dos otomanos que já se apossaram de Rodes, Belgrado e Budapeste, e ameaçam marchar sobre Viena. É a contrapartida. Enquanto Portugal e Espanha levam o Cristo e a espada às terras distantes, os turcos trazem até suas portas Maomé e a cimitarra.

A situação é tão grave, diante da divisão dos europeus, que acreditamos que só uma divisão idêntica conseguirá salvar a cristandade. E essa divisão, segundo informações dos nossos correspondentes, poderá ser provocada pela Pérsia onde a cisão religiosa parece iminente.

Nosso apêlo é no sentido de que os Príncipes encontrem um denominador comum nas suas lutas e divergências, assumindo a Igreja o seu legítimo papel para que, juntos, poder temporal e poder espiritual, possam salvar a cristandade da ameaça maometana.

Que o progresso intelectual e artístico dos últimos tempos, se reflita sobre os governantes, inspirando-os na gloriosa tarefa de preservar a civilização ocidental.

## ESPORTES

De Antônio Pigafetta (da esquadra de Fernando de Magalhães)

Na ilha de Parágua, próximo a Manilha, nas Filipinas, tive a oportunidade de assistir nos primeiros dias de julho de 1521, a inúmeras brigas de galo. O esporte é grandemente apreciado pelos nativos. Eles criam galos enormes e, como não os comem por superstição, treinam as aves para combater umas com as outras. Os combates são duros e sangrentos e terminam com a

desistência de um dos contendores.

As apostas eram altas e os donos dos galos vencedores recebiam valiosos prêmios.

De Bernal Diaz (da expedição de Cortez no México)

Pratica-se, nas nações mexicanas, um esporte curioso em que o principal elemento é uma espécie de bola de borracha, disputada com os ombros pelos jogadores.

## A MODA COMO ELA É



Os elegantes a Francisco I

Paris, 1525

Os elegantes estão usando calções bufantes, bastante curtos, colantes até os joelhos, com a braguiha em forma de concha. O gibão, muito decotado, deixa aparecer a camisa. É usado, às vezes, preso aos quadris e também colante, e, outras vezes, alongado por uma espécie de saia solta pregueada, aberta na frente.

Esse gibão, no entanto, nada mais é que um rico colête, pois está sempre coberto por uma outra peça, que pode ser um manto curto e sem mangas, ou então pela samarra (inspirada nos mantos dos antigos pastores) ampla e cumprida, feita de diversas fazendas, com galões aplicados sobre as costuras.

O detalhe mais interessante do costume Francisco I é a moda das aberturas, em forma de elipses, pelas quais estufa uma fazenda de fôrro, de cor diferente. Essas aberturas, dispostas em espaços regulares, separadas por galões, enfeitam o gibão, os calções e até mesmo os sapatos. São muitas vezes pespontadas por sutaches e canutilhos.

As mangas do gibão, os calções, os sapatos e as meias podem ser de duas cores e de dois desenhos diferentes.

## LIVROS

### E PUBLICAÇÕES



O BRASIL EM JORNAL significa, prazerosamente, a melhoria na qualidade de livros aparecidos até 31 de dezembro de 1525. Além de obras especializadas para os estudiosos, muito boa literatura de ficção e crítica foi publicada. Entre os livros que nos foram remetidos pelos autores, anotamos: da Itália: «Tratado da imortalidade da alma», de Pomponazzi; «Diálogo sobre a arte da guerra», de Maquiavel; «Orlando, o furioso», de Ariosto; da Alemanha: «Apêlo à nobreza cristã», «Cativa Babilônia», «Liberdade cristã», «A autoridade temporal», «Contra os profetas celestes», de Lutero; «Comentários sobre a epistola aos romanos» e «Lugares comuns», de Melancton; da França: «De contemptu», de Budé; «Comentários» e «Epístolas e Evangelhos», de Lefevre d'Étaples; da Inglaterra: «Utopia», de Thomas Morus; da Suíça: «Apologética» e «Comentários», de Zwingle; e da Holanda: «Colóquios», «O livre arbítrio» e «Edição do Novo Testamento», de Erasmo.

Para remessa de livros, basta endereçá-los a O BRASIL EM JORNAL.

Lisboa, 1516

Vem de ser publicado, nesta cidade, o «Cançoneiro Geral», organizado por Garcia de Resende. A obra reúne trabalhos de poetas portugueses da segunda metade do século XIV até nossos dias. Tem colaborações de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Francisco de Sousa e João Rodrigues de Castelo Branco.

Transcrevemos, a seguir, uma antiga deste último:

«Senhora, partem tão tristes meus olhos por vós, meu bem, que nunca tão tristes vistes outros nenhuns por ninguém! tão tristes, tão saudosos, tão doentes da partida, tão cansados, tão chorosos, da morte mais desejosos cem mil vezes que da vida! Partem tão tristes os tristes tão fora de esperar bem que nunca tão tristes vistes outros nenhuns por ninguém!»



## ENCONTRADO O TÚMULO DE SÃO TOMÉ?

Índia, 1524 — (Urgente)

Os restos mortais do apóstolo São Tomé estariam sepultados na cidade de Meliapor, a sete léguas do porto de Paliacate.

Esta informação foi recebida oficialmente por Duarte de Meneses, governador das Índias, mandada pelo capitão da costa de Coromandel, Manuel de Frias. Tendo em vista a importância da notícia, D. Duarte enviou emissário a Lisboa para fazer a comunicação a D. João III. Por enquanto não foi dada nenhuma nota oficial confirmando o fato.

## DA REDAÇÃO AO LEITOR

1 — Não podemos deixar de registrar o sucesso alcançado pelo primeiro número de O BRASIL EM JORNAL. Muito obrigado a todos.

2 — Recebemos carta do sr. Fernando Colombo, filho de Cristóvão Colombo, o grande descobridor, solicitando a seguinte retificação: — «Ao contrário do que noticiaram, a primeira viagem de meu pai foi em 1492 e não, 93. Agradeço a publicação desta».

3 — Vários leitores escreveram de Lisboa achando exagerado o total de 8 mil judeus queimados que noticiamos no primeiro número. No entanto, cada uma das cartas registra cifras diferentes que vão desde 2 até 6 mil mortos. Desta forma, nosso correspondente não exagerou tanto assim.

### O BRASIL EM JORNAL

Propriedade da EDITORA REFORMA S/A  
Rua México, 111, 5.º andar,  
g. 501, tel.: 22-6807  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

Secretário  
RUBEM DE AZEVEDO LIMA

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração  
HILDE e ADAIL  
Chefe de oficina  
RAUL F. S. LOPES

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção  
TITO S. CAVALCANTI

•Número avulso.... Cr\$ 10,  
Aéreo.... Cr\$ 12,

Assinatura Anual:  
(24 números)..... Cr\$ 200,  
Aérea..... Cr\$ 300,



# CORRUPÇÃO E SUBÓRNO NA ELEIÇÃO DE CARLOS V

Madri, 25, junho, 1519 — (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Foi comprada a péso de ouro a eleição de Carlos I da Espanha para Imperador do Santo Império Romano-Germânico. Fazemos esta denúncia com documentos incontestáveis, que comprovam terem sido seis (dos sete eleitores) subornados com uma fabulosa quantia em florins, equivalente a 2.100 quilos de ouro fino!

A reportagem já conhecia detalhes da corrupção e do tráfico de influência que precederam as eleições hoje realizadas. Graças a informantes idôneos e altamente colocados, pudemos, com absoluta exclusividade, colher, logo após o pleito, os informes e os sensacionais documentos que comprovam a corrupção e o suborno. Temos em mão fac-símiles de letras de câmbio assinadas pelo próprio rei da Espanha, em favor dos banqueiros e grupos econômicos que financiaram a compra dos eleitores.

Dos vários candidatos que se apresentaram para colher os votos dos 7 príncipes alemães, só dois disputavam, de fato, a eleição: Francisco I de França e Carlos I de Espanha. O rei gaulês chegou a ser o favorito, uma vez que dispunha do mais rico tesouro em moeda sonante. No entanto, à última hora e mediante vergonhosas promessas do rei de Espanha, os maiores banqueiros da Europa se dispuseram a cobrir os lances oferecidos por Francisco I.

Um único eleitor, apesar das tentadoras ofertas, manteve-se fiel a Francisco I.



Jacó Fugger

## EIS OS NOMES

Madri, 10, julho, 1519 — (Urgente)

Conseguimos obter a comprovação total e absoluta da denúncia que fizemos. Nome por nome, foram os seguintes os grandes banqueiros que financiaram a eleição de Carlos V: Jacó Fugger, de Augsburg, com 544 mil florins; Bartolomeu Welser, da mesma cidade, com 143 mil; Filipe Gualterotti, de Florença; Benedito Fornari e Lourenço Vivaldi, de Génova, cada um desses três com 55 mil florins.

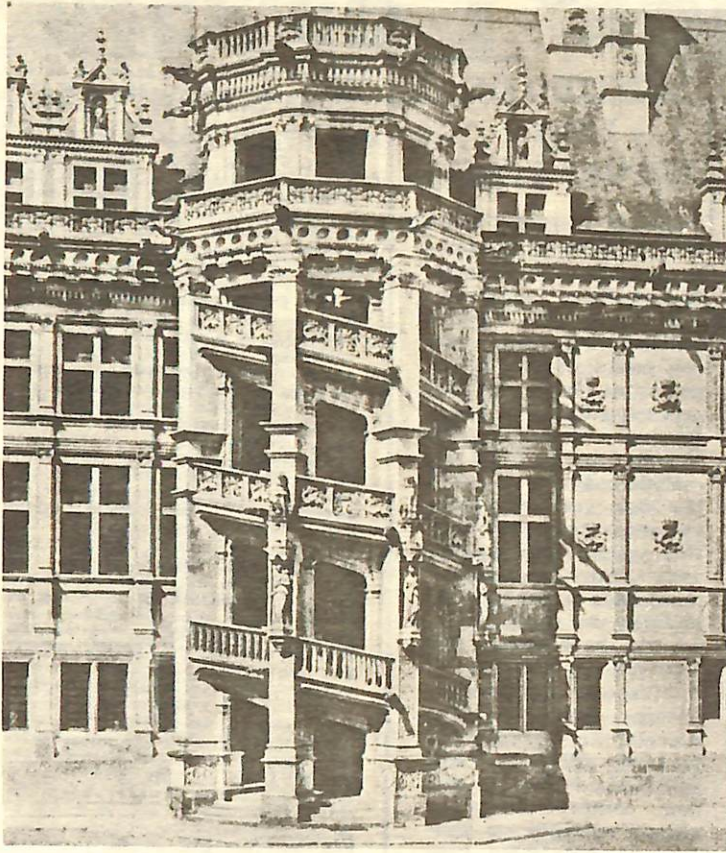
Sem possibilidade de desmentidos, conseguimos arrancar, por escrito, uma declaração do recebedor-geral Juan Lucas, na qual afirma que as despesas eleitorais do rei de Espanha somaram mais 850 mil florins ou 2.100 quilos de ouro fino!

## CONFIRMA FUGGER!

Madri, 1523 (Urgente)

O próprio banqueiro Jacó Fugger, em sensacional carta a Carlos V, confirma ter sido o principal financiador de sua eleição! Parece que o Imperador não pagou até agora as letras de câmbio sacadas a favor de Fugger, o que faz com que ele reclame com insistência o pagamento. Eis, em furo mundial deste correspondente, o trecho mais importante da carta: — «É claro como o dia que, sem a minha ajuda, V. Majestade não teria obtido a coroa imperial.»

## ARQUITETURA



A «Escadaria de Francisco I» no Castelo de Blois, recém-construído.

Em 1524 inaugura-se o magnífico Castelo de Blois, na França, mandado construir por Francisco I e cujos trabalhos começaram em 1515, início do seu reinado. É uma obra suntuosa, na qual se destaca a escadaria frontal, vista em nossa fotografia.

Vários castelos foram iniciados. Destacam-se Chateau de Fontainebleau, Chambord, Chenonceaux e Azay-le-Rideau, todos na França, nos últimos dez anos. Algumas obras já estão bastante avançadas.

É necessário destacar os mirabolantes planos mandados traçar por Francisco I para a futura construção do Castelo de Chambord, de uma espetacularidade magnífica e que deverá custar uma verdadeira fortuna.

Nosso redator especializado informa que depois da conclusão do castelo de Blois uma verdadeira febre por assim dizer arquitetural se estende por toda a França, onde os nobres, mesmo os que não são tão ricos e tão poderosos, traçam planos para erguer luxuosos castelos.

## PORTUGAL TEM NOVO REI:

# Desaparece D. Manuel

Lisboa, 17, dezembro, 1517

Os vereadores desta cidade, de capuzes e com varas negras nas mãos, acompanhando bandeira também negra, cujas pontas se arrastavam pelas velhas ruas de Lisboa, em sinal de luto, prantearam ontem, publicamente, a morte do rei D. Manuel, ocorrida dia 13.

Ao se quebrarem os três escudos negros de praxe, uma voz anunciou ao povo que soubesse sentir a morte do rei sob cujo reinado Portugal descobriu o Brasil, fez conquistas na África e se estabeleceu na Índia.

Em declarações à reportagem de O BRASIL EM JORNAL, D. João III, que subiu ao trono, declarou que seu pai desde o dia 5 de dezembro se encontrava enfermo. Nesse dia estava em Almeirim e foi chamado às pressas de volta a Lisboa. Encontrou-o com muita febre e sonolência, um mal que grassa na cidade.

## CASOU-SE TRÊS VEZES

D. Manuel casou-se três vezes. Seu primeiro casamento, em 1497, foi com Isabel, filha de Fernando de Aragão e viúva do príncipe português Afonso, filho de D. João II. Em 1498, em virtude da morte do infante de Castela, foi com sua mulher, jurado herdeiro da coroa de Leão e Castela, na

Sé de Toledo. Dêsse matrimônio teve um filho (Miguel) em 1498. Mas a rainha morreu de parto e o príncipezinho faleceu em julho de 1500. Em 30 de setembro do mesmo ano, D. Manuel casou-se com a cunhada, D. Maria, em Alcácer do Sal. Dêsse matrimônio teve, em 6 de junho de 1502, o príncipe herdeiro D. João e mais Isabel Beatriz, D. Luís, D. Fernando, D. Afonso, (feito cardeal aos sete anos), D. Duarte, D. Henrique e D. António. Em março de 1517 morreu a rainha e, no ano seguinte, em novembro, D. Manuel tornou a casar-se, com Leonor, irmã do imperador Carlos V. Dêsse casamento nasceram D. Carlos (que logo morreu) e D. Maria, em junho último.

## AS REALIZAÇÕES DE D. MANUEL

Dentre as realizações de D. Manuel, além das conquistas que fez, cabe destacar as ordenações das leis do reino, encomendadas em 1505 a renomados juristas, começada a publicar em 1514 e só agora terminada.

Do balanço de seu reinado de 27 anos fica-lhe um saldo de grandes realizações. O homem que subiu ao trono quase que por obra da fatalidade (a morte do príncipe D. Afonso e do duque de Viseu, seu irmão) teve também omissões e pecados, como a substituição de Afonso de Albuquerque e a perseguição aos judeus; mas, apesar disso, contribuiu para a grandeza de país.

## EM PERIGO O OCIDENTE:

# CAIU RODES!



Solimão

Rodes, 22, dezembro, 1522 (Especial para O BRASIL EM JORNAL)

Tropas do Império Otomano desembarcaram hoje nesta ilha, depois de cinco meses de cerco e batalhas ferozes e sangrentas.

O comandante, grão-mestre Villiers de l'Isle Adam, assinou a rendição depois de ter o sultão Solimão dado a garantia de que ele poderia retirar-se com os reduzíssimos remanescentes.

A situação de Rodes era insustentável, uma vez que não contava com mais de 6 mil soldados, quando se viu cercada por 300 navios turcos na manhã de 26 de junho. Os ataques começaram a 28 de julho com a chegada de Solimão, que passou a comandar os 100 mil homens que sitiavam Rodes.

Combates se desenrolaram durante 5 meses, e este repórter pôde ver e sentir a fome, a sede, a epidemia e o desespero que, aos poucos, tomavam conta das forças de Villiers. Em agosto, os atacantes conseguiram abrir subterrâneos para tentar invadir a ilha.

Descobertos, foram rechaçados com pesadas perdas.

Além das guerrilhas, foram travadas dez grandes batalhas que dizimaram as poucas forças aqui existentes. A 18, a escassez de munições, alimentos e água, fez com que os capitães resolvessem aceitar a rendição.

Hoje, a fortaleza abriu suas portas e a grande esquadra otomana despejou seus exércitos em terra firme.

Apesar de Solimão ter con-

cedido ao grão-mestre um prazo de 12 dias para retirar-se, a tropa de elite turca, os janizáros, estão saqueando igrejas e residências e matando quantos cristãos lhes caem nas mãos.

N. R. — Recordamos que a 29 de agosto do ano passado, quando os turcos ocuparam Belgrado, na Europa Central, as mesmas cenas de vandalismo se verificaram.

## QUEM É SOLIMÃO

Em nossa edição anterior denunciamos os preparativos dos exércitos otomanos para grandes incursões de conquista. Essa denúncia se confirmou totalmente com a ocupação do Cairo em 1517 e de outros territórios nos anos subsequentes. Solimão, chamado «O Magnífico», subiu ao trono em 22 de setembro de 1520, substituindo seu pai Selim I, autor de um massacre de 50 mil egípcios quando da ocupação do Cairo. Selim conquistou o Egito, Aleppo, Damasco e Jerusalém, recebendo o título de Emir e estendendo seu poder sobre as cidades santas de Meca e Medina.

Solimão é considerado um homem fino e culto. Conta hoje 28 anos e tinha 26 quando subiu ao trono otomano. Suas guerras de conquistas se vêm desenvolvendo em três frentes: uma no Danúbio; outra no Mediterrâneo; a terceira na Pérsia.

Solimão conta com um grão-vizir que tem contribuído muito para a conquista de glórias do seu reinado. Trata-se de Ibrahim, filho de um camponês da Albânia.

## FIM

# DE LUCRÉCIA BÓRGIA

Ferrara, 24, junho, 1519



Vítima das complicações de um parto, morreu hoje, nesta cidade, Lucrecia Borgia, duquesa de Ferrara.

Lucrecia, que foi um instrumento nas mãos de seu irmão César e de seu pai Alexandre VI (Rodrigo de Borgia), desaparece aos 39 anos de idade.

Divorciada de João Sforza, em 1497 casou-se no ano seguinte com o duque de Bisaglia, de quem teve um filho que foi reconhecido como de Alexandre VI e, depois, de César Borgia. Estes fatos valeram a Lucrecia a acusação de incesto.

Os cronistas sociais sempre propalaram as más qualidades de Lucrecia, no que alguns se excederam. Nosso repórter social anotou sua presença numa noite de orgia, em 31 de outubro de 1501. Após seu casamento com o duque de Ferrara pouco se ouviu falar dela, afirmando muitos que se tornou inatacável.

Mulher de rara beleza, falava perfeitamente francês, italiano e espanhol. Conhecia música e desenho e era habilíssima no bordado e na pintura de faiança.

Reuniu à sua volta uma corte brilhante de homens de letras. Seu desaparecimento prematuro enche de tristeza os círculos literários e políticos.



# Afogando em sangue os astecas ...

Tabasco, Sul do México, março, 1519 (De Bernal Diaz) — Cortez e 9 homens encorajados e a cavalo puseram em fuga os exércitos tabasquenos. Havíamos saído de Havana em 10 de fevereiro com 11 navios; 700 homens; 10 canhões; 32 bestas; 13 arcabuzes; 16 cavalos e muitos cães. Ao desembarcar tivemos de enfrentar 10 mil tabasquenos.

Os cavalos, nunca vistos pelos mexicanos, foram tomados como monstruosos deuses. Depois da vitória, os caciques prestaram submissão e nos deram muito ouro e 20 virgens. Os padres disseram missa e batizaram as mulheres.

## MANJARES DE SANGUE!

Cempoalan, 20, maio, 1519 — Manjares astecas cobertos de sangue humano foram, entre ricos presentes, oferecidos a Cortez por emissários de Montezuma, quando lançamos ferro vindos de Tabasco. Esta nação dos totonecas presta estranha submissão — juntamente com seus dominadores astecas — a Cortez. Em sua homenagem queriam fazer o sacrifício divino: abrir com pedra afiada o peito de um homem e arrancar-lhe o coração para que o capitão lhe bebesse o sangue. Depois comem suas pernas e braços.

## GOLPE DE CORTEZ

Vera Cruz (perto de Cempoalan), 10, agosto, 1519

Cortez se fez sagrar «Capitão-general de Carlos V», deixando assim de estar sob os ordens do governador de Cuba, Velasquez, e fundando a cidade de Vera Cruz.

Continuam chegando emissários de Montezuma trazendo ouro e reiterados pedidos para que «Cortez se afaste de Tenochtitlan, sua capital.»

## IDOLOS DESTRUIDOS

Vera Cruz, 15, agosto, 1519

Os totonecas aderiram a Cortez contra Montezuma, seu dominador. O capitão conquistou esta nação vassala dos astecas, quando, com audácia e bravura, destruiu-lhes os deuses monstruosos e entronizou Nossa Senhora, proibindo os sacrifícios humanos.

## INCENDIADOS OS NAVIOS!

Vera Cruz, 15, agosto, 1519

«Conquista ou morte» foi o grito de Cortez, quando, apavorados, assistíamos ao incêndio da frota destruída pelo capitão. Só a conquista poderá salvar-nos, agora. Portocarrero escapou, pois foi mandado com um navio à Espanha para levar ao Rei as notícias da expedição.

Vamos iniciar a marcha sobre a capital asteca. Escalante ficou com 150 homens guarnecendo Vera Cruz. Temos pela frente 400 quilômetros e somos 500 espanhóis e cerca de 40 guias totonecas. Cortez parece um novo César à frente deste punhado de homens que vão enfrentar o desconhecido.

## BATALHAS EPICAS

Subúrbios de Tlaxcala, 1, setembro, 1519

6 mil tlaxcaltecas foram derrotados hoje, numa batalha terrível, a segunda travada contra esta nação. Ontem enfrentamos um primeiro exército de 3 mil homens. Estamos estropeados, famintos e de moral baixo. Só Cortez, com sua energia e coragem, consegue impedir que recuemos. Depois de sair de Vera Cruz, durante 15 dias atravessamos montanhas, vulcões e planaltos gelados de até 3 mil metros de altitude. Estamos líquidos. Xocotla, cidade onde fomos bem recebidos, sacrificia jovens aos milhares. Vimos nos templos cobertos de sangue montanhas de crânios humanos, cerca de 100 mil. É como que um aviso do que nos pode acontecer.

O tlaxcalteca é o único povo livre do jugo asteca. Escrevemos na fila da confissão, pois amanhã, se Deus não resolver em contrário, teremos de enfrentar um poderoso exército de 50 mil homens, quando já não passamos de 450. Perdemos o pri-



Um dos monstruosos deuses astecas «Tezcatlipoca» deus da Noite.

## SENTIDO DE UMA REPORTAGEM

Bernal Diaz del Castillo, soldado do conquistador espanhol Hernan Cortez, foi o nosso correspondente que, em resumos despachos, nos deu conta dos mais importantes fatos vividos pela expedição, em quase três anos de lutas para a conquista do México.

Podemos nos aperceber das grandes riquezas encontradas por Cortez, assim como do elevado grau de adiantamento dos astecas, dominadores da região, apesar do barbarismo dos seus ritos religiosos.

Oferecemos aos nossos leitores esta cobertura especial de Bernal Diaz para O BRASIL EM JORNAL, certos de que bem compreenderão os nossos esforços no sentido de mantê-los bem informados.

A fonte de ouro e prata que essa nação parece ser, tem um enorme valor para a Espanha e para toda a Europa. O sentido épico da conquista empreendida por Cortez, enfrentando indígenas e mesmo compatriotas seus, fizeram com que emprestássemos excepcional importância à reportagem de Bernal Diaz.

Já no próximo número poderemos, talvez, fixar melhor o sentido dessa conquista, assim como divulgar maiores e mais interessantes detalhes sobre o domínio espanhol no México, assim como sobre a civilização asteca e as suas extraordinárias riquezas em ouro e prata.

Nós a chamamos «La noche triste». Em silêncio deixamos o palácio e seguimos para a saída sobre o lago. De repente, todo o exército asteca se atirou sobre nós, feroz, horrivelmente feroz. Cortez abriu caminho com a cavalaria. Gritos, gemidos lancinantes, tiros, tudo se confundia na escuridão da noite. O primeiro grupo passou. Mutilado, caindo aos pedaços, mas passou. A ponte cobria os espaços abertos sobre o lago. Eu estava ao lado do capitão. De repente, ouvimos gritos dos nossos. Os astecas haviam destruído a ponte. Da água, com centenas de canoas, fustigavam nossas tropas de todos os lados. Metade do exército estava perdido, encurralado na calçada sobre o lago. Vários capitães lá ficaram. O tesouro de Montezuma perdeu-se quase todo no fundo das águas. Combatendo como demônios, conseguimos chegar ao outro lado do lago. Mais mortos que vivos. Cortez, coberto de sangue, era talvez o único que se mantinha calmo. Reuniu alguns cavaleiros e tentou voltar para abrir caminho ao resto da tropa. Inútil. Só Alvarado e um punhado de homens, gravemente feridos, saíram das águas, ajudados por nós. D. Marina se salvou milagrosamente. Dos que ficaram, os mais felizes morreram. Os outros... terão os corações arrancados e serão comidos pelos astecas. Dia e noite sem parar, mortos de fome e sede, próximos à loucura alguns, quase todos feridos, marchamos sob o fustigamento sucessivo de pequenas tropas astecas até estas proximidades de Otumba, a 65 quilômetros de Tlaxcala, nação aliada de Cortez, e nosso objetivo.

Só a dureza sobre-humana do capitão consegue manter a tropa de pé. Lá, ao longe, um mar de guerreiros se forma. Suas plumas ondulam ao vento. É o grosso do exército asteca que se prepara para acabar conosco. São, no mínimo, 150 mil homens.

Cortez confabula com Alvarado, Olid, Sandoval, Olea, Salamanca e outros capitães. Que podemos fazer senão rezar?

## MILAGRE EM OTUMBA

Tlaxcala, 10, julho, 1520

Foi no dia 7, seguinte ao nosso último despacho. Eles se lançaram sobre nós como uma nuvem de sangue. Eramos um contra duzentos. Só me lembro de que não podíamos ver uns aos outros, perdidos no meio dos astecas. Minutos seriam suficientes para liquidar nossa pequena tropa de estropeados. Foi então que vi, vi com estes olhos, Cortez. Sala-

manca e outros capitães se lançaram com seus cavalos, como raios flamejantes e mortíferos, sobre a liteira que conduzia o general asteca. Ele lá estava, de couraça de couro com seu manto de plumas e bandeiras berrantes. Tudo se passou num segundo. Logo, vi Salamanca com a cabeça do general espetada na lança! E o milagre se concretizou. Os astecas abandonaram o campo de batalha. Não fomos nós que vencemos. Foi um milagre de Nossa Senhora!

Em marcha forçada, redivivos pela vitória, atingimos Tlaxcala, onde fomos recebidos de braços abertos.

## A CAMINHO DA REVANCHE

Tlaxcala, janeiro, 1521

Há cinco meses e meio que estamos aqui. Cortez reorganizou e fortaleceu a tropa com a chegada de outros contingentes a Vera Cruz. Treinamos os exércitos de Tlaxcala. Em sortidas e expedições, o capitão-general subjuguou uma grande parte das 371 nações vassalas dos astecas. Uma epidemia de varíola em Tenochtitlan dizimou cerca de 50 mil habitantes. Seu novo rei é Guatemoc. Estamos de partida para cercar a capital asteca com um reforço de 10 mil tlaxcaltecas.

## LAGO DE SANGUE

Tenochtitlan, 12, agosto, 1521

Mais de 50 mil cadáveres juncam as ruas desta cidade prestes a render-se, depois de um cerco prolongado em que experimentou, além das nossas sortidas e tiros de canhão, a fome, a sede (cortamos a água) e a peste. Calcula-se que já tenham morrido mais de 100 mil astecas. Guatemoc não quis render-se. Nossos efetivos, ao ocupar hoje quase toda a cidade, atravessando o lago até mesmo com 13 bergantins construídos por Cortez nas florestas e transportados aos pedaços para o lago, sobem a 100 mil indígenas vassalos dos astecas e pouco mais de 600 espanhóis. O capitão Olea morreu salvando a vida de Cortez, quando da invasão. Não há mais resistência organizada. O que vemos, apavorados, é a matança de astecas pelos nossos aliados de outras nações e eles submetidos há muitos anos.

## VITÓRIA FINAL

Tenochtitlan, 13, agosto, 1521

A cidade está dominada. Guatemoc foi aprisionado.

## CORTEZ UM DEUS!

### PROFECIA SE REALIZOU!

Tenochtitlan, 30, agosto, 1521 (De Bernal Diaz) — Conseguimos traduzir a profecia que permitiu a Cortez dominar o México. Ela dava como certo que Quetzalcoatl, um deus de face pálida e barbas negras, vestido de preto e viajando numa curiosa embarcação, desceria no México em 1519». E afirmava que «esse deus traria uma nova religião e grandes desgraças e provações». Finalmente, rezava que «Tenochtitlan seria destruída e os astecas perderiam totalmente seu poder.»

Tudo isto, por incrível que pareça, coincidiu com a chegada e com os atos de Cortez. Foi essa profecia que levou Montezuma a dispensar ao nosso capitão uma submissão humilhante. Só se atiraram contra nós, quando os outros deuses, por intermédio dos sacerdotes, condenaram à morte Quetzalcoatl-Cortez...

## CORTEZ GOVERNADOR-GERAL

Tenochtitlan, 15, outubro, 1522 (De Bernal Diaz)

Cortez acaba de receber carta do Imperador Carlos V nomeando-o governador geral do México. Sua Majestade, nessa mesma carta, faz presente a Cortez de todo o vale de Oaxaca. Com as devidas reservas transmito em primeira mão a notícia de que a 22 de junho chegou de surpresa a esta cidade, d. Catarina Suarez, esposa de Cortez. O capitão-general tem um filho de Marina. Aconteceu que d. Catarina morreu muito estranhamente no mês passado, murmurando-se, entre os inimigos e invejosos, que Cortez teria contribuído para essa morte, cuja causa teria sido envenenamento.



GUATEMOC Herói da resistência

## «ESTOU VIVO!...»

Otumba, 6, julho, 1520

Estou vivo! Ferido, estropeado, quase louco... mas vivo! A noite de 30 de junho foi a mais terrível já vivida por um grupo de ho-



Hernan Cortez o «Quetzalcoatl»

meio cavalo e os índios ficaram sabendo que os «deuses» não são imortais.

## ENFIM, TENOCHTITLAN!

Tenochtitlan, 8, novembro, 1519

Montezuma em pessoa recebeu Cortez numa das calçadas que ilgam à terra firme esta enorme e impressionante cidade lacustre, a 2.500 metros de altitude.

Tlaxcala, quando já nos tinha líquido, rendeu-se a Cortez como se ele fosse um deus.

Na última cidade em que passamos, Cholula, Cortez, desconfiando de uma cilada, prendeu os príncipes da cidade e massacraram 3 mil habitantes.

Somos 450 espanhóis e outros tantos tlaxcaltecas aqui em Tenochtitlan. Fomos hospedados num magnífico palácio com honras que fazem lembrar as honras aos deuses.

## MONTEZUMA PRISIONEIRO

Tenochtitlan, 20, novembro, 1519

Cortez obrigou Montezuma a residir no nosso palácio. Isto se deu depois que um exército asteca atacou Vera Cruz. Cortez julgou os culpados, um príncipe e 3 oficiais, e, com a aquiescência de Montezuma, queimou-os vivos. Apesar de sua total e estranha submissão a Cortez, Montezuma se negou a acabar com os inúmeros sacrifícios humanos feitos diariamente.

Presságios de mau augúrio pairam sobre nós. Estamos como ratos numa ratoeira: cercados por todos os lados.

## CORTEZ E NARVAEZ

Tenochtitlan, 7, maio, 1520

Cortez parte hoje para Vera Cruz com 330 homens — eu entre eles — para dar combate à expedição de Narvaez que veio prendê-lo por ordem de Velasquez. Ficam aqui Alvarado e 80 soldados para guardar Montezuma e manter o controle de Tenochtitlan.

Sabemos que Narvaez conta com 1.500 homens, 80 cavalos e dez canhões. Poderá Alvarado manter sob seu domínio uma população de 500 mil almas com um exército de 160 mil homens?

## MORREU MONTEZUMA!

Tenochtitlan, 30, junho, 1520

Morreu o grande Montezuma! Sua morte se deu pouco depois de regressarmos de Vera Cruz onde Cortez, pelo suborno, pela audácia, tática e coragem, derrotou Narvaez e uniu suas tropas às dele, regressando a esta capital em marcha forçada, com 1.300 homens, 100 cavalos, canhões e arcabuzes. Parece invencível, mas com a morte de Montezuma, sentimos que o nosso fim se aproxima.

Uma chacina praticada por Al-



# Francisco I aprisionado

Despachos do correspondente de guerra em Pávia e dos correspondentes em Madri e Constantinopla

Pávia, 25, fevereiro, 1525  
(Urgente)

Derrotado pelos exércitos de Carlos V, Francisco I, rei de França, foi aprisionado e, daqui mesmo, escreveu à sua mãe, a rainha Luísa de Sabóia, afirmando: — «Perdi tudo, menos a honra e a vida que está salva.»

Este correspondente junto às tropas derrotadas pôde assistir à perda de 10 mil dos 26 mil homens do exército francês. Francisco I, ferido, teve de entregar sua espada ao vice-rei de Nápoles, Lanoy. Entre os mortos podemos registrar três grandes nomes das armas gaulesas: La Tremouille, Bonnivet e La Palisse.

Foi com extrema dignidade, testemunhada por este repórter, que o rei de França se negou enérgicamente a entregar sua espada ao condestável de Bourbon, traidor de sua pátria.

## OS ANTECEDENTES

Madri, 30, dezembro, 1525 (Do correspondente) — A guerra entre Francisco I e Carlos V se iniciou depois de uma série de tratados assinados pelo rei de França e pelo de Espanha com várias nações vizinhas. Depois da batalha de Marignan, em 1515, parecia que a Europa iria entrar em longo período de paz. O Papa multiplicou seus apelos em nome da realização de uma cruzada contra os mou-

ros, cruzada que todos diziam aceitar mas que protelaram indefinidamente.

Henrique VIII, da Inglaterra, ora se mostrava ao lado de Francisco I, ora favorável a Carlos V. A morte do Imperador Maximiliano, do Santo Império Romano-Germânico, em janeiro de 1519, foi o estopim da guerra. Convocadas eleições, Francisco I e Carlos V foram os candidatos mais cotados, ganhando o segundo porque — como denunciámos em sensacional furo em outro local desta edição — conseguiu mais dinheiro e pôde comprar mais caro os votos dos eleitores.

Eleito Carlos V com apenas 19 anos, começaram os preparativos bélicos de ambos os lados. Francisco tinha, então, cerca de 25 anos. Ambos disputaram o apoio de Henrique VIII. O rei de França com ele se encontrou num verdadeiro festim das mil-e-uma-noites no denominado Campo do Pavilhão de Ouro. Mas, logo após, Henrique manteve cordial conferência com Carlos V.

Finalmente, na primavera de 1520, estourou a guerra. Falando aos jornalistas naquela ocasião Carlos V declarou: — «Em pouco tempo, ou serei um pobre imperador ou ele será um pobre rei.»



Flagrante da batalha de Pávia



UM CAVALEIRO FRANCES

## ANTES DA BATALHA

As coisas se complicaram para a França. Em 1521, agosto, o papa Leão X e Henrique VIII se aliaram ao Império contra Francisco I. De todas as forças da Europa restaram aos franceses, como aliados, apenas os Cantões Suíços.

A traição do condestável de Bourbon explodiu como uma bomba permitindo aos exércitos imperiais a invasão da França pelo sul. Os ingleses chegaram a aproximarse de Paris. A manobra de Francisco I, tomando Milão e cercando Pávia, terminou com a sua prisão.

Apuramos, no palácio em que está prisioneiro o rei de França, que ele está resistindo tenazmente aos termos do tratado que lhe impõe Carlos V para libertá-lo.

## APELO AOS INFIEIS!

Constantinopla, 31, dezembro, 1525 (Urgente) — O sultão Ibraim recebeu carta de Francisco I solicitando que o ajude na difícil situação em que se encontra. De um dos secretários do sultão cujo nome, por motivos óbvios, somos forçados a omitir, conseguimos saber que Ibraim nada pretende fazer para salvar o rei de França. Num furo sensacional podemos informar que ele respondeu a Francisco I lamentando sua derrota e prisão e procurando consolá-lo com as seguintes e textuais palavras: — «Não é extraordinário que os reis sejam vencidos e caiam prisioneiros. Noite e dia o nosso cavalo está preparado e a espada está sempre à cinta.»

## EM SOCIEDADE

Londres, 1516

Este colunista registrou curioso e pitoresco fato que bem demonstra o grau de vaidade de que é possuído o rei Henrique VIII. Na recepção a Justiniano, embaixador de Veneza, Sua Majestade, perante toda a corte, em voz alta, interpelou seguidamente o diplomata quase que exclusivamente sobre Francisco I, rei de França, que, embora tão jovem, desfrutava da fama de ser um dos mais elegantes do mundo.

O colunista estava ao pé do trono e pôde anotar as seguintes perguntas do rei, respondidas com evasivas pelo embaixador em questão.

— «O rei de França é grande como eu?»

— «É forte, assim?»

— «Suas pernas são tão bem feitas e tão fortes quanto as minhas?»

Podemos informar, em absoluta primeira mão, que, em decorrência desse encontro, Henrique VIII vai deixar crescer a barba, no que será seguido por todos os elegantes do reino. Isto porque Francisco I — o padrão... — usa esse adorno facial com o mais absoluto sucesso.

Lisboa, 1522

Muito comentamos certos encontros na casa do navegador Tristão da Cunha. Os encontros em questão acontecem seguidamente e têm como personagens o rei d. João III e a viúva de seu pai, d. Leonor. Chegou-se a falar em casamento do rei com sua madrasta, mas sabe-se que Carlos V, irmão de d. Leonor, já prometeu sua mão a Fran-

cisco I, um dos mais elegantes soberanos do mundo.

Um curioso acontecimento convém recordar agora. Quando d. Manuel, o falecido pai de d. João, pediu em casamento d. Leonor, não foi para ele, mas sim para seu filho... Aconteceu que ao receber o retrato de sua futura nora, achou-a tão bonita que resolveu transformá-la em esposa, passando o príncipe herdeiro para trás...

Agora, morto o pai, e o príncipe transformado em rei, as coisas parecem voltar ao que seriam.

Madri, setembro, 1524

Nosso colunista na capital espanhola transmite informação que destrói por completo o romance noticiado em 1522. E que dois embaixadores portugueses acabam de chegar àquela cidade, para, em nome de d. João III e com procuração deste, casarem com d. Catarina d'Austria, irmã de Carlos V e da viúva d. Leonor, a mesma que estava «in love» com o rei de Portugal...

E eis uma opinião de Erasmo de Rotterdam sobre a mulher, opinião escrita especialmente para esta coluna: — «Quando uma mulher sabe fazer reverência, estender os braços, sorrir com ironia, não apresentar a mão direita em lugar da esquerda, não abrir a boca quando ri, é quanto basta: está pronta para casar.»

Decididamente, esta coluna está de inteiro acôrdo com Erasmo.

## Portugal de luto:

# MORRE VASCO DA GAMA

Chaul, Índia, 25, dezembro, 1524 — (Urgente)

Aos 55 anos, morreu ontem nesta cidade o grande navegador Vasco da Gama que, aos 28, em 1497, foi escolhido por D. Manuel, para comandar a expedição que descobriria nova rota para as Índias.

Neste Natal de luto para os portugueses, rememora-se a extraordinária façanha daquele jovem que, depois de 100 dias de mar, nos quais enfrentou tremendas tempestades, conseguiu, dobrando o cabo da Boa Esperança e, em seguida, vencendo os mouros, atingir seus objetivos, arribando em Calecute no dia 20 de maio de 1498.

Ele saiu de Lisboa no dia 8 de julho de 1497, com 4 naus, uma das quais seguiu para a Guiné. A nau-capitania, era a «São Gabriel». As outras a «São Rafael», de seu irmão Paulo; a «Berrio», de Gonçalo Nunes, e a outra de Bartolomeu Dias, navio de mantimentos.

Na epopéia que foi a viagem do Gama, não se pode deixar de frisar que ele saiu de Lisboa com um objetivo determinado: Calecute, que foi atingida com técnica, arrôjo, coragem e conhecimentos.

Sobre a viagem de 1502, de volta à Índia, divulgamos detalhada reportagem em nossa edição anterior. Em princípios deste ano, nomeado vice-rei das Índias, logo que aqui chegou adotou medidas drásticas, varrendo da administração os corruptos e os negociastas.

Nasceu em Sines, Portugal, e era filho de Estevão da Gama e Isabel Sodrê. Deixa viúva d. Catarina de Ataíde e 7 filhos. Já se murmura que será nomeado para o lugar de Vasco da Gama o sr. Henrique de Meneses.

## JORNAL ECONÔMICO

### PAU-BRASIL

A riqueza que está atraindo os piratas franceses para a costa do Brasil é o «pau-brasil», mercadoria muito cotada na França e um dos motivos do corso que denunciámos nesta edição e contra o qual se enviou a expedição de Cristóvão Jacques.

Os paus de tinturaria estão valendo bom dinheiro. Agora, descobertas as inúmeras utilidades do pau-brasil, se entregam os franceses à importação legal e ilegal do produto.

A madeira é vendida em toros dos quais se retira a casca e o alburno, utilizando-se o âmago vermelho para extração de matéria corante para tinteira de paños, principalmente lãs e sedas. Era empregada, também, nas miniaturas e manuscritos.

Antes da descoberta da madeira do Brasil, os europeus conheciam três qualidades de brasil: o «colombiano», do Ceilão; o «ameri» da Sumatra e o «semi» da Índia.

O pau-brasil está sendo utilizado com grande sucesso na fabricação de móveis de luxo e trabalhos de marcenaria em geral. Por outro lado, a madeira, depois de mergulhada em água, endurece e, nesse estado, vem sendo grandemente utilizada na construção de naus.



# TRUCIDAMENTO EM MASSA NA ALEMANHA!

Mulhausen, Alemanha, 31, dezembro, 1525

Camponeses e operários estão sendo dizimados pelos príncipes e nobres na Alemanha do Sul, depois da derrota da revolução popular chefiada por Tomaz Munzer. As cidades estão juncadas de cadáveres em meio ao banho de sangue e fogo que se estende aos campos, numa brutalidade e numa violência tais, que bem caracterizam o estado de espírito da nobreza contra cavaleiros, operários e camponeses.

A reportagem tem acompanhado todas as peripécias desta luta, que teve início em 1522 com a agitação provocada pelo alto custo de vida; pelo aumento de impostos e tributos; pelo confisco de propriedades e pelo desamparo em que vivem os trabalhadores. A opressão dos nobres serviu de bandeira a Tomaz Munzer, um dos chefes da Reforma religiosa iniciada por Lutero.

Aproveitando o descontentamento reinante nas classes pobres e na pequena nobreza, Munzer, embora desapoiado por Lutero, pregou a revolução, que só assumiu caráter religioso nos princípios deste ano, quando se tornou mais violenta.

O povo ocupou e incendiou castelos, mosteiros, igrejas e casas da burguesia, massacrando os que lhe caíam nas mãos.

## PIZARRO: mais terras, mais ouro



PIZARRO

Panamá, dezembro, 1524

(Do correspondente)

Francisco Pizarro, um dos companheiros de Balboa no descobrimento do Mar do Sul, acaba

de partir à procura de ricas terras das quais já trouxe notícias o capitão Pascual de Andagya, que para lá já viajou em 1522.

Na sua tentativa de conquista de novas terras, Pizarro tem como sócios Diego de Almagro e o sacerdote Fernando de Luque. Conseguiram licença do governador Pedrarias Davila e os fundos para a empresa foram obtidos por Luque (20.000 pesos de ouro), atuando provavelmente em nome do juiz Espinosa. Entregues as 200 libras em barras de ouro, um notário redigiu o contrato em

A 15 de maio, no entanto, a derrota sofrida pelos rebeldes em Frankanhausen deu o comando das ações aos nobres, que supliciaram e decapitaram Munzer.

Dai por diante e até agora, por todos os cantos, camponeses e operários são exterminados sem piedade e os sobreviventes submetidos a verdadeira escravidão. Lutero, quando as batalhas eram mais sangrentas e os atentados mais desumanos, lançou um violento manifesto sob o título «Contra as hordas ladras e assassinas dos camponeses» no qual dizia: — «É preciso abatê-los como cães danados. Concitemos todos a ferir, estrangular e apunhalar os rebeldes e fazê-los lembrar de que nada pode ser mais tóxico, perigoso ou diabólico que um homem comprometido numa revolução.»

Com isso ele ganhou o apoio dos príncipes para sua luta contra a Igreja de Roma.

Os seguidores de Munzer pertencem, em grande parte, à seita reformista por ele fundada e que se denomina de «anabatista.»

### DECLARAÇÃO

Quando a terrível luta estava no auge, Lutero fez a seguinte declaração a este correspondente: — «A Alemanha é conduzida, toda ela, como se o diabo a tivesse sob o seu poder.»

que ficou estabelecido que os lucros da empresa seriam divididos em partes iguais entre os três sócios.

Pizarro, já com 50 anos, é um homem de vigorosa constituição física, grande valor e enérgica decisão, tendo participado de inúmeras expedições, dentre as quais a de Ojeda. Também figurou como participante da trama em que pereceu, executado por ordem de Pedrarias Davila, o grande capitão Balboa.

Ficou resolvido que Pizarro partiria no barco que os três sócios equiparam, tripulado por cerca de 100 homens. Diego de Almagro seguirá em outro. Embora a população não acredite no êxito da empresa, tendo mesmo apelidado Luque, de Fernando, o «Louco», pela temeridade do empreendimento, há realmente possibilidades de que Pizarro e Almagro atinjam seu objetivo, por se tratar de homens de indomável perseverança e incrível capacidade de resistência.

Morreu como viveu:

sem medo

e sem mácula

Paris, 1524

O cavaleiro sem medo e sem mácula morreu.

A notícia vinda de Romagnano foi confirmada por emissário oficial. Bayard não existe mais.

Com os rins atravessados por uma bala de arcabuz, ele tombou sob os 70 quilos de sua armadura, depois de garantir e defender a retirada do último homem da tropa que comandava.

O bravo Bayard desaparece aos 48 anos. Tinha a religião do dever. Bravo até à loucura, estava sempre à frente dos seus comandados. Piedoso com o inimigo vencido e incapaz de se render. Afirmava sempre que daria a vida para garantir a liberdade do seu país.

Bayard tomou parte em todas as batalhas da guerra com a Itália e combatia agora contra Carlos V. Foi ele quem milagrosamente salvou Mezières, cidade sitiada pelo inimigo. Sua extraordinária bravura encontra testemunho máximo quando, na segunda guerra contra Nápoles, sózinho, sobre o rio Garigliano, defendeu durante meia-hora a entrada de uma estreita ponte, não permitindo que 200 espanhóis a atravessassem.

Sua fama extravasou as fronteiras da França. Por várias vezes recebeu Bayard ofertas fabulosas do Papa Júlio II, do Imperador Maximiliano e de Henrique VIII.

Recusou sempre, afirmando que não defenderia outra pátria que não a sua.

Morre Bayard e sobrevive a sua legenda: — «Le chevalier sans peur et sans reproche.»

N. R. — Quando morre Bayard é oportuno lembrar que em 1512 a França perdeu outro herói que foi um verdadeiro meteoro, pela rapidez de sua curtíssima vida militar. Chamava-se Gastão de Foix, duque de Nemours, e morreu no dia da Páscoa de 1512, quando vencida uma sangrenta batalha: a de Ravena, contra os espanhóis.

Tinha 22 anos. Três meses antes, seu tio Luís XII lhe confiara a defesa do Milanês. Assumindo o comando, deu início à sua inacreditável carreira militar de apenas 3 meses. Revelou-se um incomparável estrategista, de rapidez jamais igualada por nenhum outro. Num recorde até hoje sequer sonhado, fez suas tropas percorrer 200 quilômetros na neve e em terrenos acidentados em apenas 14 dias!

Venceu três batalhas consecutivas, lutando contra três inimigos, em «fronts» diferentes: no dia 5 de fevereiro de 1512, pôe em fuga as tropas do Papa que sitiavam Bolonha; a 16, derrota os venezianos em Mântua e, a 19, toma Bréscia de assalto!

Sucumbiu justamente quando obtinha seu mais espetacular triunfo, na batalha de Ravena, a 11 de abril, depois de liquidar 6 mil espanhóis que — diziam os despachos da época — «quando não tinham mais braços e pernas, lutavam a dentadas...»

Gastão morreu ao vencer, com 18 ferimentos por lanças e espadas, dos quais 15 no rosto, no peito e no ventre, «prova de que ele nunca voltou as costas ao inimigo.»



ESTATUA FUNERARIA DO HERÓI DE 22 ANOS

SEIS PAPAS

EM 25 ANOS

Roma,

dezembro, 1525

Nada menos de seis Papas reinaram nestes primeiros 25 anos do século XVI. Alexandre VI, o Bórgia; Pio III, que permaneceu no trono apenas um mês; Júlio II; Leão X; Adriano VI; e, eleito em 1523, Clemente VII.

Alexandre VI, Júlio II e Leão X foram, sem dúvida, os maiores protetores da arte, verdadeiros mecenas destas épocas.

Júlio II, além dos vícios comuns em sua época, na Itália, teve as virtudes de um grande homem de Estado: tomou parte nas guerras da Itália, organizou contra os franceses a Liga de Cambrás e depois a Santa Liga. Protegeu artistas como Bramante, Miguel Angelo e Rafael, e iniciou a construção da basílica de São Pedro. Foi papa de 1503 a 1513.

Leão X, filho de Lourenço, o Magnífico, papa de 1513 a 1521, admirador das obras-primas da antiguidade, procurou, tal como Júlio II, proteger as artes, as letras e as ciências. Empenhou-se, também, na libertação da Itália e assinou com Francisco I a Concordata de Bolonha. A sua venda de indulgências, para acabar as obras da basílica de São Pedro, combatida por Lutero, figura como uma das causas determinantes do movimento reformista.



BAYARD